



A narrativa de Gênesis nos apresenta quem é Deus, quem é o homem e a criação em uma cosmovisão cristã. Após criar o homem e a mulher e lhes entregar a bênção do casamento, do trabalho e do descanso, o Eterno entregou a criação aos cuidados do homem e deu aos nossos primeiros pais o Mandato Cultural. O Mandato Cultural é uma expressão que os teólogos utilizam para se referir a ordem que o Criador dá ao homem após havê-lo criado: “Cresçam! Reproduzam-se! Enchem a terra! Assumam o comando! Sejam responsáveis pelos peixes do mar e pelos pássaros no ar, por todo ser vivo que se move sobre a terra” (Gn 1.26,28). Esta é a ordem do Criador para que homem e mulher sejam férteis, tenham filhos, multipliquem-se e assim se espalhem sobre a terra e criem cultura, utilizem a criatividade que o Criador lhe deu para embelezar a criação, criando tecnologia, inventando coisas, criando línguas, arte, música e assim por diante de maneira a continuar o trabalho de explorar o pleno potencial da criação de tal maneira que o homem desempenhe seu papel de co-criador junto com o Pai, aquilo que Tolkien chamou de “subcriador”.<sup>1</sup>

O Mandato Cultural do Criador para o homem Richard Mouw se expressa no fato de que “Deus comissionou os nossos primeiros pais a ‘transformar a natureza indomada num ambiente social’ mediante uma formação cultural que se coaduna com o projeto dele”.<sup>2</sup> Nancy Pearcey afirma que “a primeira frase – ‘Frutificai, e multiplicai-vos’ – significa desenvolver o mundo social: formar famílias, igrejas, escolas, cidades, governos, leis. A segunda frase – ‘enchei a terra, e sujeitai-a’ – significa subordinar o mundo natural: fazer colheitas, construir pontes, projetar computadores, compor músicas. Esta passagem é chamada de o mandato cultural, porque nos fala que nosso propósito original era criar culturas, construir civilizações”.<sup>3</sup>

E como isso acontece na prática na sequência de Gênesis? Antes da queda, vemos Adão cultivando o jardim do Éden e nomeando os animais (Gn 2). Tudo já havia sido criado, e então Deus ordena a Adão que dê nome a todos os animais (Gn 2.19,20). A nomeação é um ato muito significativo de propriedade na mentalidade do Oriente Antigo. Deus muda o nome de Abrão, por exemplo, para reivindicar sua propriedade e autoridade sobre ele. Nomear é um ato de senhorio, de autoridade.<sup>4</sup>

Embora Deus tenha criado todos os seres, o Criador ordena ao homem que dê nome a todos os animais, num ato simbólico que confirma a autoridade dada ao homem sobre a criação e também demonstrando como o Criador dotou o homem com a capacidade de produzir cultura em seu sentido mais amplo. Plantinga afirma que “a boa criação de Deus inclui não somente a Terra e suas criaturas, mas também uma gama de dons culturais, tais como o casamento, a família, as artes, a linguagem, o comércio e (até num mundo ideal) o governo”.<sup>5</sup>

O Mandato Cultural tem esse nome pois o Criador dotou o homem com a capacidade de produzir cultura. Mas afinal, o que queremos dizer com “cultura”? A cultura é um assunto de especial interesse de áreas de estudo como a sociologia ou antropologia e é um conceito que precisamos compreender para não usar equivocadamente. Podemos às vezes nos referir a “cultura” pensando especificamente em produções culturais elaboradas, como um bom filme ou uma sinfonia de música clássica. Dizemos então que determinada pessoa tem cultura e outra não. Outra maneira equivocada de pensar a cultura é como se referindo a cultura local de determinada região ou etnia, como vestimentas típicas e comidas típicas.

Na verdade, estas coisas que citamos antes são cultura, mas cultura é algo ainda mais amplo e de uma certa perspectiva tudo que o homem produz ao interagir com a natureza material e tudo que o homem produz como simbólico é cultura. Ou seja, tudo que é resultado da criação humana é cultura e obviamente isso inclui quase tudo a nossa volta: linguagem, símbolos, arte, filosofia, teologia, música, matemática, ciências, máquinas, governos, comércio. E o que está excluído? De uma certa maneira a natureza em sua forma rústica, bruta, pura.

A cultura se manifesta de maneira especial nos símbolos, convenções, normas e valores que determinada sociedade abraça como norteadores de sua maneira de viver: moldamos nossas escolhas e nossa vida através do que a sociedade abraça como sendo certo, valoroso, importante e assim o homem e a cultura se moldam reciprocamente, um alterando o outro.

Nós cristãos pensamos pouco sobre a cultura e quando a mesma é discutida geralmente é discutida em termos de “Posso ouvir música secular?” ou “O Rock é coisa do diabo”, tentando separar de maneira um tanto quanto superficial

<sup>1</sup> TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 44.

<sup>2</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

<sup>3</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 51

<sup>4</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.94

<sup>5</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

cultura cristã de uma cultura “secular”. É importante então considerar três pontos importantes sobre a cultura em uma cosmovisão cristã.

Primeiro, o homem cria a cultura e a cultura cria o homem. O Criador nos criou com o poder de produzir cultura e ainda em Gênesis 4 vemos os descendentes de Caim gerar cultura por meio da domesticação de animais (v.20) e também a música (v.21) e tecnologia (v.22). O homem produz cultura material e simbólica. O outro lado da história é que todo ser humano ao nascer nasce dentro de uma cultura, dentro da língua, das convenções, símbolos e normas que aquela sociedade abraça e então inicia o processo de endoculturação: o indivíduo absorve a cultura que orientará seus valores, seus símbolos e boa parte de suas concepções sobre a vida como um todo. Não é exagero dizer que, de uma forma muito clara, a cultura influencia o indivíduo na tomada de decisões e assim molda quem nos tornamos. É claro que ninguém absorve a cultura de forma passiva, mas cada um absorve, interpreta e reinterpreta a cultura dialogando com ela e produzindo mais cultura.

Como fomos criados dentro de determinada cultura – nossa família, língua, etnia, educação, classe social, escola, – quase não percebemos os valores da cultura que assimilamos, até que começamos a aprender quais são esses valores por meio do contraste, quando nossa cultura se choca com a de outra pessoa ou com a de outro lugar. Para ilustrar a importância desse ponto, é bom lembrar a história do peixinho que sempre viveu na água mas nunca soube que estava na água. Foi apenas quando se viu fora da água ao ser pescado que o peixe compreendeu, por meio do distanciamento, o que é a água. Quando viajamos para outro estado ou país, quando frequentamos um lar com valores diferentes do nosso lar original, nossa percepção sobre nós mesmos é dilatada e aumentada por que começamos a ver melhor a cultura dentro da qual fomos “gerados”.

Segundo, após a queda a cultura produzida pelo ser humano reflete em parte a imagem de Deus que ainda subsiste nele por causa da graça comum e também reflete a natureza mais íntima da rebelião humana por causa da depravação total. Tim Keller nos lembra de que a Bíblia tem uma visão dupla da cultura, pois por um lado nos mostra que a cultura pode possuir valores alinhados com o Evangelho – justiça social, igualdade, direitos humanos – e pode exibir valores que afrontam o Evangelho – meritocracia, egolatria, hedonismo.<sup>6</sup>

Nesta perspectiva é importante lembrar dois conceitos profundamente importantes para nós, reformados. Primeiro, o conceito de graça comum, que afirma o fato de que “o Espírito Santo preserva muito da bondade original da criação e também inspira novas maneiras de bondade – e não apenas nas pessoas regeneradas por Ele”.<sup>7</sup> Plantinga, portanto define a graça comum assim: “Graça comum: a bondade de Deus demonstrada sobre todos, independentemente da fé, consistindo de bênçãos naturais, da restrição da corrupção, da semente da ordem política e religiosa e de uma série de impulsos e modelos, civilizadores e de caráter humanitário”.<sup>8</sup> Isso quer dizer que o não crente pode produzir coisas boas, belas, justas, que edificam e que fazem o bem e que não há sentido em separar música secular e cristã, cinema secular e cristão, literatura secular e cristã, pois o não regenerado recebe a graça comum tanto quanto o regenerado. Se você se emociona ouvindo verdades em uma letra de Djavan ou é edificado após assistir um filme, é bom lembrar que toda verdade é verdade de Deus.

A outra doutrina é a depravação total, ou seja: “A natureza humana se torna totalmente depravada, pois foi corrompida. Isto não significa que o ser humano se tornou tão mal quanto pode ser, mas que todas as partes da natureza humana sofreram os danos do pecado: a mente, a vontade, as emoções e até o corpo”.<sup>9</sup> Logo, devemos nos lembrar de que um cristão pode sustentar valores, crenças, modelos, convenções - em resumo cultura - que não estão alinhados com o Evangelho. Não se trata de relativizar o que é o que, mas sempre de medir a cultura com as Escrituras. Algo não é necessariamente ruim por que tem o rótulo “secular” e algo não é necessariamente bom quando tem o rótulo “gospel”. Precisamos medir a cultura e confrontar as realidades com o Evangelho em oração e no Espírito.

Terceiro, precisamos compreender que como cristãos vivemos uma relação de tensão com a cultura, pois é nosso trabalho analisar nossa cultura por meio das Escrituras e utilizar os pontos em que nossa cultura e o Evangelho se alinham como uma ponte visando a comunicação do Evangelho, ao mesmo tempo em que confrontamos valores equivocados de nossa cultura por meio do Evangelho. Se apenas confrontarmos sem dialogar com a cultura teremos uma mensagem transformadora mas não conseguiremos ser ouvidos. Se apenas afirmarmos a cultura, sem confrontar seus falsos deuses e falsos valores seremos ouvidos mas nossa mensagem não será transformadora.<sup>10</sup>

Compartilhar o Evangelho com as pessoas pressupõe que somos capazes de conhecer nossa cultura bem o bastante para dialogar com as pessoas de maneira que elas nos compreendam, ao mesmo tempo sem diluir o confronto do Evangelho. Afinal, Jesus se tornou homem e aprendeu a língua e os costumes de seu tempo e ao mesmo tempo questionou diversos valores e modelos de sua sociedade. Que possamos ser sal da terra e luz do mundo.

<sup>6</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.108

<sup>7</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.69

<sup>8</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.70

<sup>9</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>10</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.112